

LETRAS DE HOJE

N.º 28

JUNHO DE 1977

Cr\$ 30,00

**estudo e debate
de assuntos de
lingüística, literatura
e língua portuguesa**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
Centro de Estudos da Língua Portuguesa
Rua da Boa Vista, 150 - Rio Grande, RS - Brasil



LETRAS DE HOJE já editou 27
números. O preço de assinatura
— 4 números anuais — é de
Cr\$ 100,00 para o Brasil e
\$US 20 para o Exterior
Números avulsos — Cr\$ 35,00
Os pagamentos podem ser feitos
por cheque bancário ou através
de vale postal em favor da
Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul.

A redação aceita contribuição de sua especialidade

Aceitamos livros e revistas para resenhas

DIRETOR:

PROF. IR. ELVO CLEMENTE

REVISÃO E CORRESPONDÊNCIA:

PROF.ª LAÍS M. MANO CANDIA

CONSELHO EDITORIAL:

Para assuntos Lingüísticos: José Marcelino Poersch, Fernando José

Rocha, Christian Lehmann, Leonor Scliar Cabral e Urbano Zilles.

Para assuntos Literários: Gilberto Mendonça Teles, Nelly Novaes

Coelho, Regina Zilbermann e Petrona Dominguez de Rodriguez

Pasquéz.

LETRAS DE HOJE aceita troca

On demando l'échange

We ask for exchange

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA E LETRAS
CENTRO DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA
EM CONVENIO COM O CONSELHO FEDERAL DE CULTURA
AV. IPIRANGA, 6681 — Caixa Postal 1429 — PORTO ALEGRE

Índice

ASPECTOS DA LINGUA E CULTURA

Ir. Elvo Clemente pág. 5

A EVOLUÇÃO DA GRAMÁTICA

Edson Alcantara pág. 11

CONCEPÇÃO MATEMÁTICA DO DICIONÁRIO

Antônio Pereira Ribeiro Júnior pág. 17

AS FACES CAMBIANTES DA CRÔNICA MOREYRIANA

Dileta Silveira Martins pág. 19

ARTE: ENFOQUES CONTEMPORÂNEOS

Juan Mosquera pág. 23

MUDANÇA DESCONCERTO DO MUNDO E

VALOR DA POESIA EM CAMÕES

José Édil de Lima Alves pág. 29

O NOVO ROMANCE DE HERBERTO SALES

José Augusto Guerra pág. 40

TEORIA DE UM PROCEDIMENTO POÉTICO

Emanuel de Moraes pág. 47

RECENSÃO

MAGALHÃES, LÍGIA CADERMATORI — A CADEIA DE

SIGNIFICANTES E A INSISTÊNCIA DO SENTIDO

Prof. Ir. Elvo Clemente pág. 61

II NAMORA, FERNANDO — TINHA CHOVIDO NA VÉSPERA

João Décio pág. 61

III MEYERHOFF — HANS — O TEMPO NA LITERATURA

João Décio pág. 63

IV HUMPHREY — ROBERTO — O FLUXO DA CONSCIÊNCIA

João Décio pág. 65

ASPECTOS DA LÍNGUA E CULTURA

I

LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA

Ir. Elvo Clemente

O assunto da Língua é fundamental para quem trabalha com os bens do espírito.

A Língua é a manifestação de toda a vivência da pessoa e de toda a expressão de um grupo social, de um país ou de diversos países.

Com o idioma português aconteceu algo de notável: "Se escreve há oito séculos e se diferenciou do romance há, talvez, um milénio"; como observa Antonio José Saraiva.

Existe aí o fato da realidade da língua falada que preexiste à língua escrita. A segunda é fruto da estratificação cultural da primeira. Por outro lado nota-se um atraso da formação da cultura no território lusitano.

Quem perpassa as páginas da História de Portugal vê o país constantemente solicitado pelas guerras para defender a sua fronteira física, pelos trabalhos da expansão ultramarina. Os homens comprometidos sempre em fainas bélicas ou em missões de expandir a Fé e o Império para além das fronteiras sonhadas.

Um país que inicia o século 16 com um milhão de habitantes e chega ao século 20 com nove milhões. O crescimento populacional é reduzido pela expansão, mais as terras lusitanas se estendiam, menos crescia a população no continente.

O povo português cresceu na Indonésia, na Ásia, na África e sobretudo no Brasil.

Com o Português aculturando os novos povos nos cinco continentes, espalha-se a língua, transmite-se a cultura.

A Língua Portuguesa é falada hoje por 130 milhões de pessoas na América, na África, na Ásia e na Europa.

Muito se transformou do idioma levado às Índias nos fins do século XV, muito se transformou do idioma implantado em Angola, Moçambique, Cabo Verde e Brasil nos albores do século XVI.

As transformações da Língua vão-se fazendo à medida em que a cultura portuguesa entra em choque com as culturas milenares da Ásia e com as culturas da África e da América.

Todo o complexo cultural é traduzido pela língua. A língua é sujeito e o objeto da cultura a um tempo.

É sujeito da cultura quando propaga, quando leva a outros povos, a outras comunidades o legado. É objeto quando é estudada nas influências que recebe da cultura, das influências que recebe de outras civilizações.

Alguns se admiram da variedade e das dificuldades da Língua Portuguesa. Se considerarem seriamente o quadro da História compreenderão o porquê das variantes lingüísticas.

Muitos povos influíram e influem na cultura portuguesa de maneiras diferentes, no Continente, nas Ilhas, em Moçambique, em Angola e no Brasil. Os contatos que ocorreram e ocorrem nos outros pontos geográficos dependem de outras culturas, de povos com cultura milenar e de povos quase primitivos, sem o lastro cultural. Daí decorre uma das mais importantes causas das diferenças do idioma falado em Portugal Continental, nos países africanos, recentemente independentes, e no Brasil com cento e cinquenta anos de independência.

Os países lusofones se unem não só pela língua, bem como e muito mais pela cultura.

As matrizes culturais foram forjadas na Lusitânia. Foram transferidas a outros meridianos. Foram renovando a sua força com novos contatos, mantendo, porém, o vínculo inicial e permanente.

Essa vinculação cultural sobrepõe às vicissitudes políticas, às mutações de regimes, ao vaivém das revoluções dos povos.

A língua, como foi dito acima, é o veículo e a força renovadora da cultura.

Um povo reafirma sua autonomia não com a destruição das bases culturais que o ligam ao passado, conseqüentemente às origens. Assim como a cultura portuguesa não rompeu as bases com a cultura greco-latina ao formar a sua individualidade, também a cultura brasileira não rompeu os laços com a cultura lusitana. Da mesma forma, hoje, assistimos à formação de novas culturas no caldeamento de forças e de linhas, aparentemente divergentes, que, passadas as refregas iconoclastas, surgirão com novos aspectos, fiéis à cepa de origem.

Todos os momentos da vida das pessoas ou dos povos são importantes, mas há alguns que sobressaem, que marcam, que passam à História.

A cultura e a língua portuguesas estão vivendo este momento histórico de grandiosidade dramática com lances trágicos. Não se pode penetrar no futuro não se pode prever o imprevisível e inesperado dos atos e das decisões dos humanos. Sabe-se e sente-se a fusão, a luta de forças no escachoar da vitalidade das gerações presentes e autoras nesse entrechoque de resultados imprevistos.

A língua em constante mutação pressionada, influenciada pelas conquistas da tecnologia. A cultura em constante fervilhar sob a violência ideológica das ambições políticas.

Tudo se transforma, tudo forma novos aspectos e novos coloridos tanto no vocabulário, no léxico, na sintaxe e na morfologia. Nesse entrevero surge uma nova cultura sempre viva, graças à seiva rigorosa da cepa lusitana. Desse choque surge uma língua, feita à imagem e semelhança da cultura, trazendo na fonética novos sons, sob nova forma. Língua bela, língua amena, língua carinhosa, língua rude que expressa as situações, o fluxo da consciência da alma de cada pessoa que vive nos países irmanados pela Língua Portuguesa.

Não haja receios, não haja vãos temores, a cultura não submergirá entre os vagalhões de maremoto que agita as nações. Pode, por momentos, entenebrececer-se a visão.

Pode, por instantes parecer que tudo esteja perdido. Depois a cultura ressurgirá mais bela, mais vigorosa, irrigada pelas lágrimas da dor, agitada pelos soluços dos anseios de novas esperanças.

E a língua se transmuda, se desarticula. Deixa-se invadir pelos solecismos e pelas formas alienígenas para depois reafirmar-se bela e sonora, na expressão da tristeza e da alegria das novas gerações.

Língua e Cultura, Cultura e Língua sempre unidas distintas e inconfundíveis, vida e força do espírito humano, que enlaçam as gerações e que chegam às portas da eternidade.

II

A MISSÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

O Instituto de Letras da PUC/RS diploma hoje mais uma turma.

Passaram-se os seis semestres de árduos estudos de horas de vigílias, de tantas preocupações. Trocaram tantos sacrifícios por um título universitário, o diploma de Letras.

O que significa, hoje, um diploma em Letras? Significa muito mais do que parece à primeira vista. Para alguns, nada significa. Vêem isso com um risinho compassivo, não ligando a mínima importância a um grau nas Ciências Humanas e, de modo especial, em Letras. No mundo de hoje, outras letras têm valor e são joga-

das na competição ferrenha do dia-a-dia, que brutaliza, que coisifica, que robotiza.

O que ressaltamos aqui não é o grau em si, mas o que significa a pessoa se dedicar à **letras**, às *humaniores litterae*.

É missão sublime para uma pessoa dedicar-se ao ensino, à humanização do ser humano pelas letras.

O estudo e o ensino de Letras visa ao conhecimento e mais do que isso ao aperfeiçoamento da pessoa.

Pelo estudo de textos, o aluno, orientado pelo guia seguro e sereno, vai penetrando os encantos do espírito humano, as belezas da alma, o descortino paulatino do mistério da pessoa, espelhada na criação literária. Ao contemplar a supra-realidade o aluno habitua-se a medir, a pesar o alcance da realidade que está sob os seus pés, diante dos seus olhos, entre os seus dedos.

Todo esse trabalho é possível pela análise e interpretação dos textos dos autores contemporâneos ou de outras épocas.

É o estudo da língua de outros tempos, sob o panorama da visão atual que resplandecem os valores da cultura, que se transferem do papel para a mente os modelos que darão forma ao homem de nossos dias e ao homem das novas gerações.

Nesta hora de festa e parabéns, os novos paladinos da cruzada redentora, aparecem serenos numa visão debruada nas togas escuras e roxas da cerimônia austera do ato acadêmico, mas conscientes de sua missão, confiantes na construção de um futuro que de longe lhes é bem perto, que de afastado lhes é aconchegado no carinho dos parentes e mestres amigos.

Por isso, prezadas colegas, nesta aurora radiosa e fria, de vossa formatura, sois o calor, o brilho do novo dia, cheio de esperança. Florido de promessas. Sob o debrum branco das geadas palpitam lírios, sonham rosas e sorriem primaveras.

III

O BODE EXPIATÓRIO DA CULTURA

O professor de Língua Portuguesa é considerado por muitos o bode expiatório da Cultura. A cultura nacional vai mal porque não se ensina direito a Língua Portuguesa. Há um descaso da parte dos professores da Língua materna desde as primeiras letras.

Sempre o professor de Língua Portuguesa é o responsável pelas calamidades e pelos atrasos culturais.

Sem dúvida, muita carga da responsabilidade pesa sobre os frágeis ombros do professor da Língua Nacional. Não é o único responsável pelo descalabro da inteligência ou da cultura.

Haja vista o ramédio apontado — a redação no Vestibular. Atinge em cheio o professor de vernáculo.

Há quase dois meses, numa bela iniciativa da Universidade de

Caxias do Sul, ao comemorar 10.^o aniversário de sua constituição, culpas do descalabro lingüístico-cultural que afeta a nossa civilização que não sabe esperar, que tem pressa demais em produzir, em despejar coisas para o consumo. Dêem-se condições melhores aos professores para que tomem a consciência da importância da celebrou-se uma Semana de Lingüística. Tivemos a satisfação de apresentar o tema — A Política da Língua Nacional. O auditório seletivo e muito diversificado: professores universitários, alunos e professores do secundário. Na hora dos debates a Prof.^a Vitalina Frosi fez uma notável colocação sobre os assuntos abordados. E chegava à seguinte conclusão: "O Professor de Português parece ser no meio de todas as críticas ao magistério de 1.^o, 2.^o e 3.^o graus como o bode expiatório de tudo". O problema é deveras complexo e não tem uma solução tão fácil, como é a Redação no vestibular.

O professor de Língua Portuguesa tem grande porte da responsabilidade da formação dos alunos, não a tem toda. Todos os mestres são responsáveis. Não só os mestres como também a família.

O bom uso, o bom domínio da língua materna é a base da formação cultural, da formação da inteligência e da formação da personalidade.

Vejamos algo de óbvio, em que idioma os outros professores lecionam? Se todos lecionam em Língua Portuguesa, todos contribuem para o bom ou mau aprendizado da língua.

Mesmo os professores de língua estrangeira, pois trabalham sobre o pressuposto do bom conhecimento e bom uso da língua materna. Boa base pra a língua estrangeira.

Se todos são responsáveis por que há um só indicado como a origem de todos os males da cultura? Se o aluno não sabe ler e não sabe escrever, a culpa será apenas do professor de Português?

As outras disciplinas não requerem leitura e redação? Não se redigem teoremas ou não se lêem soluções de problemas? Se os professores de Matemática, de Ciências, de História, de Geografia ou de Filosofia não se importam com a Língua Portuguesa como é que se comporta o aluno?

Há professores que descuidam totalmente o idioma tanto em suas caóticas exposições como nas desastrosas notas ou súmulas escritas. As provas são quase sempre "objetivas" mesmo para a História, a Filosofia, a Matemática... Como é que aluno vai saber falar e escrever se mestres não formam uma frase correta em suas exposições orais? Como é que o aluno vai cuidar da boa redação ou da ortografia se o professor faz questão de escrever sem correção?

O aluno está na aula de Português três ou quatro horas das 24 horas que passa na escola... A convivência com os mestres que não fazem da boa expressão lingüística o seu instrumento principal de trabalho deforma necessariamente a linguagem do aluno.

Naturalmente, que há muitas e louváveis exceções, há professores de Física ou de Matemática, ou de Filosofia que sabem falar e sabem redigir e sabem exigir dos seus alunos o bom uso da Língua Portuguesa.

O professor de Português tem alguma culpa, nem todas as educação dos adolescentes e crianças pelo bom uso da Língua Portuguesa.

O professor de Português não é o bode expiatório, mas ele tem mais responsabilidade que os outros. Com isso, não, quero reduzir o empenho que deve ter o professor de vernáculo em sua sala de aula e na ação junto dos seus colegas.